

UM PORTUGAL MÍTICO: UM ESTUDO DAS LINGUAGENS DE
ANTONIO LOBO ANTUNES E SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Ludimila Moreira Menezes (Universidade de Brasília)

RESUMO: Constituída pelas análises dos contrastes entre o esboroamento e a nitidez de reminiscências no romance “Que cavalos são aqueles que fazem sombras no mar?”, de Antonio Lobo Antunes, publicado em 2009, e nos poemas “Lisboa”; “Navegavam sem o mapa que faziam”; “Difícil é saber de frente a tua morte”; “Eu vos direi a grande praia branca”; “Vi as águas os cabos vi as ilhas”, de Sophia de Mello Breyner Andresen, essa comunicação vislumbra refletir sobre a composição poética de certa topografia da ruína que se perfaz diante de uma linguagem espectralizada no romance de Lobo Antunes e sob a mineralidade do signo na poética de Andresen. Nessa espécie de breviário de mundos que se alcançam em uma dimensão nostálgica, em atravessamentos de experiências de fraturas, de dores, de distanciamentos que disseminam álbuns imaginados, cenas plásticas enredadas por um filtro do passado revisitado, enunciados e sentidos que em uma economia incessante viabilizada pela leitura dos textos, forjam e disparam um imaginário mítico de um país construído desde consumações sentimentais de inventários geográficos, familiares, psíquicos e materiais.

Palavras chave: Portugal mítico. Linguagem poética. Memória. Nostalgia.

De uma difícil partilha de lutos, de conflitos e de paisagens que ora estilham, ora centralizam, ora expandem os focos narrativos das obras aqui analisadas pensar a plasticidade e a radicalidade dessas linguagens que investem em uma relação de atração e risco entre literatura e filosofia na construção nostálgica de um Portugal mítico. A realidade empírica não se realiza na textualidade como estruturante de uma fidelidade imediatista: anuncia-se no romance *Que cavalos são aqueles que fazem sombra no mar?* de Antonio Lobo Antunes uma cosmogonia pela memória esgarçada que se deriva na voz de personagens que ascendem a um crescente de passado; também, diante de um mundo imperfeito, se irrompe a substancialidade dos poemas “Lisboa”, “Navegavam sem o mapa que faziam”, “Difícil é saber de frente a tua morte”, “Eu vos direi a grande praia branca” e “Vi as águas os cabos vi as ilhas” de Sophia de Mello Breyner

Andresen, que indiciam uma ruptura à relação de presença e unidade da palavra, senão pelo investimento em deslocamentos como na emergência das analepses e pelos processos oníricos como no romance de Lobo Antunes, pelas imagens que liberam desde o recurso das analogias, das metonímias, do apelo e interação com o leitor, o imóvel do signo gráfico à uma economia que impacta e, ou, rasura a noção de significado transcendental, distendendo o significante em um processo marcado pelo apagamento do sentido único, pelas diferenciações e modulações da linguagem às voltas com tópicos da história, da alteridade.

Não há que se apontar, então, um motivo contextual, uma origem para a linguagem poética que acontece na fissura do captável; no entanto, os registros espaciais de Andresen subsumidos por um fluxo que porta certo grau de historicidade exploram e projetam distintas e múltiplas negociações entre as relações representacionais, a visada fenomênica advinda dos movimentos de imersão e tradução sensorial-imaginativa desse Portugal mítico e a aporia do testemunho que porta a ventura do perjúrio e que não opera como ente mimético na linguagem. Onde emerge imagens se perfazem pontos de acesso à uma dimensão utópica, incursão marcada por um prolongamento que parece invocar memorabilias extraídas antes de pensamentos e nostalgias do que registros estáticos.

Michel Foucault, em “As palavras e as coisas”, ao tratar da disposição do saber no transcorrer dos séculos e da caracterização das epistemes que regem e forjam domínios de linguagem e formações discursivas, argumenta que é a partir das produções textuais do século XIX que o signo linguístico escapa de certa binariedade exposta na função de plasmar a realidade desde a ideia de representação em uma noção rígida de significado e significante que desenvolve um regime dos signos como algo que repercute o objeto e seu funcionamento em uma ordem do discurso, que deixará a linguagem encerrada nos limites da representação.

Para o filósofo, o processo que expõe a falibilidade da representação fiel advém da consciência, do gesto de criação e potência de distorção do signo pelo homem possibilitando a liberação do sujeito de uma determinação positiva e da linguagem, de um discurso restritivo, utilitarista de similitude imediata e última, apagando ou fraquejando uma noção de equivalência pretensamente transparente. Nos termos de Michel Foucault (2007, p.416) a Literatura em sua acepção moderna é considerada como uma espécie de denegação lúdica, a linguagem tem autonomia para romper com quaisquer definições de gêneros, —(o escandaloso, o feio, o impossível) e seus efeitos

ensionam o discurso nos limites de sua representação, concedendo ao homem a autonomia para designar o que será um signo, alçando a linguagem a uma espessura reflexiva, a linguagem como objeto de conhecimento sem que isso se dê por um caráter transitório, de instância posterior, definitiva e apaziguada.

Em Antonio Lobo Antunes, no relevamento da dramaturgia que se desdobra naquilo portar-o-outro, na carga de perda ficcionalizada em uma demora desde a saudade que se difere da saudade delineada nos poemas aqui elencados de Andresen: em *Que cavalos são aqueles que fazem sombras no mar?* pervive uma multiplicidade de pontos de vista, seja nas imersões intimistas dos narradores, seja nos diálogos encriptados desses personagens com suas heranças infiéis de passado que se distende em uma nostalgia forjada entre as descontinuidades da súplica, das invectivas e do esgarçamento da memória. Há um estrato cromático neblinado pela memória vacilante que advém da integração entre aspectos visuais e verbais que forja presenças-vozes espectralizadas no romance.

As composições poéticas de Lobo Antunes e de Andresen se perfazem sob a constante atração ao outro, seja este constituído por núcleos de família, de cidade, de paisagem ou de memorabilia que resistem às tentativas ou a quaisquer premissas de decodificação de seus universos esculpidos em uma sintaxe de aproximações, no caso de Andresen ao real, em riscos, na incondicionalidade do acontecimento materializada em uma poética como gesto de envio, ou na constante ameaça de esboroamento entre a concepção de mundo real e o limbo fantasmático de uma linguagem em múltiplas vozes às voltas com o perjúrio, com o trauma, no caso do romance de Lobo Antunes.

Ainda que vigore nos poemas de Andresen rastros daquele ímpeto de contato com uma unidade concreta de mundo de certos textos épicos, um fascínio contínuo pelo arcaico recuperável e pela matéria decantada de séculos de reiteração, repetição e revalidação, esse legado se dissipa em uma saga que acontece na linguagem, às claras, em um jogo de captura e caça ao outro que não pretende sua retenção figurativa: antes, expõe um entroncamento de forças visuais em uma atmosfera textual marcada por um crescente de autorreferencialidade, já que a Literatura irrompe desde a matéria primeira, mundo, saudade, escrita e corpo. A expressividade escritural se faz corpórea, a experiência se expõe, se dissemina desde a estrutura poética que revela estratos imagéticos de um mundo em revindas, o que implica uma textualidade às voltas tanto com procedimentos icônicos quanto com processos de desestabilização do registro factual buscando uma reconstrução estética do passado pela subjetividade nostálgica.

No romance de Lobo Antunes, a dicção do vertiginoso não se dissipa à deriva do tempo: ela se dissemina em tramas que corporificam experiências-limites, desde arranjos sintáticos que fraturam o reconhecimento do sujeito enunciativo e que assumem a linguagem em matiz elíptica, ou em composições de ambientes anacrônicos que vislumbram senão certa reconstrução temporal impossível, uma exposição da distorção do presente afetado pelo passado que se (re) inaugura ao longo da narrativa. Um dialógico clima de catástrofe é convertido em burburinhos, murmúrios, esquecimentos, reminiscências que acionam o fluxo rememorativo, explorando os confins de realidades acoçadas pelo medo, pela dissipação do corpo e do tempo, pelo luto e suas demoras de saudades, de melancolias, de nostalgias.

Da linguagem atravessada por esse fluxo de nostalgia, tem-se:

Vieram dizer que a minha mãe estava a morrer por respeito a morte tirei o dedo da gengiva embora nunca tenha visto ninguém morrer nem saiba o que é morrer, sei que diante dos caixões , se fala em voz baixa e nos movemos devagar mais educados, mais compostos, cumprimentando-nos num sorriso triste e depois ficamos ali de mãos dadas conosco mesmos, à frente ou atrás das costas.

(são as únicas alturas em que damos a mão a nós mesmos como se fôssemos uma pessoa diferente e somos uma pessoa diferente porque os dedos que apertamos estranhos e a gente mirando-os à socapa a perguntar

– Parecem meus mas são meus?

Encolhemos um ao acaso, sentimo-lo mover-se e o que prova isso conforme nada prova o anel, a pulseira, o que não falta são anéis e pulseiras, serei uma, serei duas, serei uma criatura que não tem a ver com qualquer delas ou comigo, devolvam-me a mim por caridade, se calhar é isto o que a morte significa, onde estou?) (ANTUNES, 2009, p.39)

Enquanto o romance de Lobo Antunes combina uma paisagem descentrada pelos pares antitéticos do testemunho (confissão e perjúrio), esculpindo uma textualidade brutalista de espessura espectral, um mundo barroco de personagens e passagens espectralizadas, a linguagem poética de Andresen, para evocar a expressão de Octavio Paz (2015) a respeito da “experiência da outridade”, revolve marcas históricas evocando ausências, extraindo e revelando cenas em angulações que ampliam, irradiam e dilatam a memória, a nostalgia. Sob esse aspecto cabe elucidar a dinâmica da outridade para Paz:

O crescimento do eu ameaça a linguagem em sua dupla função: como diálogo e como monólogo. O primeiro se fundamenta na pluralidade; o segundo, na identidade. A contradição do diálogo consiste em que cada um fala consigo mesmo ao falar com os outros; a do monólogo em que nunca sou eu, mas outro, o que escuta o que digo a mim

mesmo. A poesia não diz: eu sou tu; diz: meu eu és tu. A imagem poética é a *outridade*. (...) A conversão do eu em tu – imagem que compreende todas as imagens poéticas – não pode realizar-se sem que antes o mundo reapareça. A imaginação poética não é invenção mas descoberta da presença. Descobrir a imagem do mundo no que emerge como fragmento ou dispersão, perceber no uno o outro será devolver à linguagem sua virtude metafórica: dar presença aos outros. A poesia: procura dos outros, descoberta da *outridade*. (PAZ, 2015, p.102)

Economia que transvalora o realismo tradicional em sua obstinação pelo ponto de vista eminentemente histórico e persegue por uma arqueologia metafísica-fenomenológica que combine filosofia e história, indícios-sinais-venturas em rastros da idealidade e do fracasso dessa busca, uma unidade do ser, um estar primitivo que não se encerra em uma busca etérea, antes se compõe uma estética que congrega elementos de resistência, de alteridade forjando certo Portugal mítico que desorbita os limites geográficos.

Desse modo, os poemas aqui analisados da escritura poética andreseniana vinculam uma topografia intertextual que imanente a uma tradição lírica ocidental partilham uma ruínosa e luminosa comunidade espacial; mesmo que em virtualidade, mesmo que essa comunidade não gere um ethos coeso de identidade, de princípios poéticos, ela indicia em uma sintaxe de silêncios, de resguardos e cartografias mitológicas, uma constelação de dilemas, segredos vertidos na linguagem que dá a ver uma herança do tema da conquista, dos tempos de exploração do descobrimento, a correlação da subjetividade que acena ao vívido e o confronto com o passado, a ideia de intruso, de estrangeiro, que se condensa e concretiza em um microscomo complexo de revelações e de novas moradas.

Poética que toma o gesto escritural como rastilho de um real, de rastreio de um mundo físico e sensível, de uma falta que persiste e vislumbra no signo linguístico, na palavra como síntese de uma relação que não evidencia ou dramatiza um si, mas delinea movimentos e negociações de alcance ao outro provocando uma afetação nítida entre linguagem e mundo na medida em que a captação da cidade se deriva pela nomeação de dicção construtivista, por uma metaforização que encampa a materialidade dos referentes elencados: “Abre-se e ergue-se em sua extensão nocturna/Em seu longo luzir de azul e rio”; assim, vinga na tessitura lírica, uma soberania do relevo, uma emergência fisionômica de significantes que se expandem sob orientação da evocação e da imaginação: “Lisboa oscilando como uma grande barca/ Lisboa cruelmente construída ao longo de sua própria ausência/Digo o nome da cidade/- Digo para ver”.

Octávio Paz, em seu *Signos em rotação*, ao explorar a emergência e a tessitura da frase poética, pensa o verso em uma totalidade autossuficiente como um microcosmo: sob esse prisma de pensamento os poemas aqui elencados disseminam microcosmos onde ritmo imagem e significado, em um fluxo e refluxo das imagens animam e assumem o risco de transitar entre mundos, o da referencialidade e o da imaginação.

Embora no romance de Lobo Antunes o povoamento léxico também incida sob uma tópica comum à Andresen (nominalmente: os arrabaldes geográficos em torno de Lisboa), em *Que cavalos são aqueles que fazem sombra no mar?* a textualidade ganha lastro numa polifonia que estiliza a linguagem memorialista em um crescente da voz lírica, que condensa e revolve acontecimentos do passado, presente e futuro, não vigorando um projeto de despersonalização da voz (vozes) elocutória que persiste e se distende em um misto de vigília, velório, ato de contrição, relembramentos que paralisam e antagonicamente catalisam a morte da mãe que também fala em um regime espectral de assunção. Os irmãos Beatriz, Francisco, Ana e João, a mãe, o pai também morto e a empregada Mercília comparecem em fluxos confessionais que forjam angulações múltiplas ao romance.

Ainda que invistam em perspectivas diferentes na modulação das vozes, nos signos que decifram, diferenciam, na construção espacial que em Andresen prescinde da revelação do campo referencial em sua instância-farol, em seu clamor do enfretamento com o mundo e não na fuga, no refúgio do dito pelo aflorar do impuro, no desdobramento dialógico e polifônico como no romance de Lobo Antunes o trato com o passado, em ambas as narrativas, que assume uma espessura mítica despertando, assombrando destaca a condição, a canalização e a dimensão do substrato memória como liberadora de alteridade. Enquanto o verso do poema aproxima a cena pictórica das expedições “Navegavam sem o mapa que faziam” figura para além do périplo, da rota, também emerge uma vacilação presentificada pela preposição designativa de falta “sem”; assim, considero que, seja na linguagem de superfícies de contato, nas contaminações metonímicas de Sophia ou nas disseminações ruinosas de Lobo Antunes, entre o substrato de significantes que se diferenciam ao longo das narrativas e a abstração semiótica desencadeada pela leitura, se forja e se distende a dimensão imaginária de um mundo mítico.

Quando do poema de Andresen “Difícil é saber de frente a tua morte/E não te esperar nunca mais nos espelhos da bruma” se extrai o perfazimento do luto que em

força, funda e da concretude a um gesto de envio da dor, da nostalgia, da palavra vinga um porvir afetado pelo fracasso de quaisquer promessas: também no romance de Lobo Antunes experimenta-se à entrega a um tempo remoto, mas não com acesso inegociável; ali, o recuo, a memorabilia, é atravessado por vozes que depõem sobre os rumos da história, da composição e afetação entre um narrador e outros personagens. Os movimentos de afetação e a dicção de recordação que esculpem a topografia da narrativa são reportados por uma economia do trauma que encena vigília, desterro, trauma em contrapartida ao próprio da evidência presente nos poemas de Andresen.

Referências:

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. (2004). *Poemas escolhidos*. São Paulo: Companhia das Letras.

ANTUNES, Antonio Lobo. (2009). *Que cavalos são aqueles que fazem sombra no mar*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

FOUCAULT, Michel. (2007). *As palavras e as coisas*. Trad: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes.

PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. (2015). Trad: Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva.